

AS ÁRVORES MILENARES: ESTUDO DA ILUSTRAÇÃO DA DRAGON-TREE DA ILHA DE TENERIFE FEITA PELA ARTISTA VIAJANTE MARIA GRAHAM

Maria de Fátima Medeiros de Souza¹

Resumo

Humboldt propôs um modelo de registro da natureza que inspirou esteticamente as mulheres viajantes do século XIX. Este artigo discute a influência desse naturalista na obra escrita e imagética da viajante inglesa, Maria Graham, a partir da análise de uma das ilustrações que acompanham seu diário de viagem ao Brasil. A *Dragon Tree*, da Ilha de Tenerife, era uma árvore milenar constantemente citada pelo seu aspecto exótico e seus potenciais medicinais. Essa espécie foi usada em diferentes contextos religiosos e seculares e figurou destacados escritos dedicados à história natural.

Palavras-chave

Maria Graham; Alexander von Humboldt; mulheres viajantes; *Dragon Tree*.

Introdução

As imagens produzidas pelas mulheres viajantes europeias que estiveram na América Latina no século XIX formam uma documentação que necessita de maiores investigações, especialmente no que diz respeito à influência de Alexander von Humboldt (1769-1859), como divulgador de trajetos e de um repertório imagético de viagem entre o público europeu. Recentemente, Ródenas (2014) investigou a influência de Humboldt na produção escrita e imagética das mulheres viajantes do século XIX. Nas obras textuais e visuais de Maria Graham (1785-1842), Adela Breton (1849-1923) e Frederika Bremer (1801-1865), só para citar algumas dessas mulheres, nota-se uma frequente citação ao viajante

Abstract

Humboldt's model to register nature inspired women travelers all through the 19th Century. His influence is remarkable in the written and graphic works by the British traveler Maria Graham. This paper analyses one illustration extracted from the journals she kept during her trip to Brazil. It portrays the legendary Dragon Tree, a millenary tree situated in the Tenerife Island, often cited for its exotic appearance and medical properties. The tree was linked with a variety of contexts, both religious and secular, and it appeared in many books of natural history.

Keywords

Maria Graham; Alexander von Humboldt; women travelers; *Dragon Tree*.

¹ Doutoranda em Teoria e História da Arte, pelo Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília. Mestra em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (2016). Graduada em Artes Plásticas, pela Universidade de Brasília (2009). Desenvolve pesquisas relacionadas à produção imagética das mulheres viajantes do século XIX. Bolsista da coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior (CAPES). Contato: medeiros_fatima@hotmail.com.

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

prussiano. Essa filiação pode significar tanto a adoção de uma perspectiva ligada a noção de sublime, difundida por Humboldt, quanto a necessidade de documentar a natureza segundo as bases difundidas entre os naturalistas viajantes do século XIX.

Partindo dessa perspectiva, este texto trata de uma imagem que ilustra o livro *Journal of a Voyage to Brazil, and Residence There, During Part of the Years 1821, 1822, 1823*, escrito por Maria Graham e publicado em 1824 pela editora John Murray Press². A ilustração intitulada *Dragon Tree & Peak of Teneriffe* retrata uma árvore conhecida na Europa e que era frequentemente citada pelos viajantes. Para a análise dessa ilustração de Graham, outras referências imagéticas e literárias serão correlacionadas, de modo a discutir questões referentes à documentação científica do período e a influência de Humboldt na produção escrita e imagética dessa artista viajante. Outro tema que pode ser identificado na ilustração da *Dragon Tree*, e que será destacado neste estudo, é o culto às árvores milenares difundido entre os artistas românticos ingleses da primeira metade do século XIX.

Maria Graham começou suas viagens no início do século XIX. Ainda jovem, ela embarcou com seu pai em direção à Índia, numa viagem que começou no final de 1807 e se estendeu até 1808. No período em que esteve na Índia, Graham escreveu um livro e registrou imageticamente a vegetação e os costumes observados em seus percursos pelas cidades indianas. Foi nessa viagem que Graham estruturou sua forma de escrever, que incluía um estudo minucioso dos principais aspectos econômicos e políticos das localidades visitadas. Esse misto de conhecimentos de história natural e relatos de costumes iria compor grande parte de sua produção como escritora e artista viajante. Os procedimentos adotados nessa primeira viagem se repetiriam, em certa medida, nos demais percursos de Graham pela Itália, Brasil e Chile (Akel, 2009).

No momento em que seguiu rumo à América do Sul, Graham já havia publicado dois diários de viagem sobre as suas estadias na Índia e na Itália³. Como enfatizado por Akel (2009), o diário de Graham sobre sua viagem ao Brasil é tido como uma das principais publicações da autora. Esse livro inclui ilustrações botânicas e vistas de paisagens do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco (Graham, 1824).

A produção imagética de Maria Graham, durante as suas três viagens ao Brasil, constitui uma documentação extensa que ainda não foi investigada com atenção. Pesquisadoras como Martins (2001) e Zubaran (2005) reconheceram a importância das imagens produzidas por Graham no Brasil, mas as obras da viajante ainda carecem de atenção. Especialmente porque ainda não há estudos que explorem os acervos que guardam as obras produzidas pela viajante inglesa. Grande parte das obras originais dessa viajante encontra-se em Londres. As coleções do British Museum e do Royal Botanic Gardens abrigam desenhos e gravuras que ainda são desconhecidos. Diante dessa situação, este artigo procura contribuir com os estudos da obra visual de Maria Graham por meio da investigação de suas referências textuais e imagéticas, sabendo que se tratam de

2 Para mais informação a respeito da John Murray Press ver: Keighren; Withers; Bell (2015).

3 O primeiro diário de Maria Graham, sobre sua estadia na Índia, *Journal of a Residence in India*, foi publicado em 1808. O segundo escrito da viajante se refere à sua estadia na Itália, *Three months passed in the mountains east of Rome, during the year 1819*, publicado em 1821.

obras que podem ajudar a entender a presença das mulheres artistas viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX.

A produção visual de Maria Graham pode ser investigada segundo o pressuposto de que os registros imagéticos e escritos das mulheres viajantes do século XIX evidenciam suas impressões individuais sobre a paisagem e os costumes dos habitantes das localidades visitadas. O que se observa nas obras produzidas por essas mulheres é que a viagem surge como uma possibilidade de satisfazer seus interesses pela história natural e pela literatura de viagem. Nesse sentido, esses discursos mostram a experiência individual dessas viajantes e evidenciam a procura pela validação de suas obras perante o público europeu. Lembrando que a literatura de viagem aliava impressões gerais sobre os costumes, a história e notações cartográficas, da flora e da fauna. Portanto, as viajantes deveriam conjugar essa complexa rede de informações por meio da imagem e da escrita (Leite, 2000; Gonçalves, 2005; Hagglung, 2011; Rodenas, 2014).

Assim sendo, a presente análise da ilustração *Dragon Tree & Peak of Teneriffe* enfatiza as referências visuais e textuais da Maria Graham segundo a perspectiva de que estudar essas referências pode contribuir com o estudo da participação das mulheres na documentação científica do século XIX e também pode dar a conhecer aspectos da obra dessa viajante inglesa.

Dragon Tree e o culto às árvores milenares

Nothing can be finer than the approach to Teneriffe, especially on such a day as this; the peak now appearing through the floating clouds, and now entirely veiled by them. As we drew near the coast, the bay, or rather roadstead of Oratava, surrounded by a singular mixture of rocks, and woods, and scattered towns, started forth at once from beneath the mists, which seemed to separate it from the peak, whose cold blue colour formed a strong contrast to the glowing red and yellow which autumn had already spread on the lower grounds. (Graham, 1824: 83).

A citação acima se refere ao momento em que Maria Graham se aproximava de Tenerife, uma das ilhas que formam o arquipélago das Canárias, e um dos principais pontos de parada dos viajantes que seguiam em direção à América do Sul. No início dessa viagem, a bordo do navio *Doris*, Maria Graham esteve em algumas Ilhas do Oceano Atlântico e do Arquipélago das Canárias. Em seus primeiros relatos, a viajante falou de sua passagem pela Ilha da Madeira, província de Portugal, e pela Ilha Tenerife, província espanhola. Em Tenerife, Graham tratou da exuberante vista que a ilha proporciona aos seus visitantes, bem como da rica vegetação e dos encontros agradáveis de que tomou parte, em sua curta estadia (Graham, 1824).

A narrativa de Maria Graham sobre essa viagem está repleta de referências aos locais mencionados por Humboldt em seu livro *Ansichten der Na-*

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

tur: mit wissenschaftlichen Erläuterungen⁴, publicado em 1808. Essa obra de Humboldt traz notações sobre suas viagens ao Continente Americano entre os anos de 1799 e 1804. Acompanhado pelo botânico Aimé Bonpland (1773-1858), Humboldt procurou fornecer “uma ‘pintura’, um ‘quadro’ que colocasse ‘diante dos olhos do leitor’ a Natureza tal como ela aparecia em sua totalidade nos sítios visitados, com sua organização específica e em toda sua vivacidade” (Mattos, 2004: 152).

A relevância dos escritos desse naturalista para Maria Graham é percebida pela frequência com que ela cita os lugares e as vegetações descritas por ele. Em muitos momentos, é possível dizer que o itinerário de Graham seguia os caminhos percorridos por Humboldt. Em um dos relatos sobre a Ilha Tenerife, Graham falou sobre a Dragon-tree (Figura 1), um espécime⁵ do Jardim de Don Juan Domingo de Franchi e que os naturalistas diziam ter por volta de seis mil anos. Foi essa mesma árvore que Humboldt tornou célebre em seu escrito *Ansichten der Natur*. Essa planta, mesmo antes de Humboldt a mencionar, já era conhecida pelos Europeus desde a Renascença e fascinava os viajantes tanto pela longevidade quanto pela monumentalidade (Humboldt, 1850; Graham, 1824).

Nessa ilustração de Graham, a Dragon Tree ocupa o centro da composição e está cercada por diversos tipos de árvores, de plantas rasteiras e de arbustos. Ao fundo da imagem vislumbra-se o Pico do Tenerife, provavelmente, trata-se de uma montanha que abriga um dos inúmeros vulcões dessa Ilha. É possível reconhecer a intenção da artista em enfatizar as principais características das espécies, além da diversidade e da especificidade das vegetações retratadas. A configuração presente na figura 1 é frequentemente usada por Graham em suas ilustrações e constitui uma forma de retratar a natureza em seus aspectos essenciais, fornecendo uma vista geral da planta e apresentando uma paisagem como plano de fundo. Em muitas das imagens que ilustram seus diários, como é o caso da ilustração aqui analisada, essas paisagens representam pontos turísticos (Graham, 1824)

Em certo momento, Maria Graham narra o momento em que ela avança pelas altas montanhas de Tenerife e encontra a *Dragon-Tree* no Jardim do Sr. Franchi, dono do terreno em que o famoso vegetal se encontrava:

The dragon tree is the slowest of growth among vegetables; it seems also to be slowest in decay. In the 15th century, that of Oratava had attained the height and size which it boasted till 1819. It may have been in its prime for centuries before; and scarcely less than a thousand years must have elapsed, before it attained its full size. Excepting the dragon trees at Madeira, the only many headed palm I had seen before was that at Mazagong in Bombay. It is crowned, however, with a leaf like that of the palmetto; but the tufts of the dragon tree resemble the yucca in growth. The palm tree at Mazagong, like the adansonia in Salsette, is reported to have been carried thither by a pilgrim from Africa, probably from Upper Egypt, where late travellers mention this palm (Graham, 1824: 86).

4 Para maiores informações sobre a produção literária de Humboldt e sua relação com a representação imagética ver: Mattos (2004).

5 “espécime: qualquer indivíduo de uma espécie” (Houaiss; Villar; Franco, 2001: 1226).



Figura 1. GRAHAM, Maria. Dragon Tree & Peak of Teneriffe. Gravura em metal, 1824.
 Fonte: The British Museum.

A forma com que Graham estrutura suas descrições advém do modelo fornecido por Humboldt, que procurava conjugar em suas notações as perspectivas científica e estética. Nesse sentido, a forma com que ela articula os elementos composicionais de seus desenhos, assim como essa procura por uma caracterização dos principais elementos do mundo natural, fazem com que sua produção iconográfica possa ser relacionada diretamente com os postulados que tratam da “síntese essencial do conhecimento” propagada por Humboldt. A relação entre a ciência e a arte, sustentada por este, relega ao artista cabe a tarefa de sintetizar o mundo natural em sua obra, de modo a fornecer uma representação em que seja possível diferenciar os elementos da natureza. Segundo essa perspectiva, a representação imagética da natureza deveria contemplar os diferentes tipos folhagens, respeitando suas morfologias, e a composição da imagem deveria ser organizada de modo a evidenciar essas estruturas. Dessa forma, uma paisagem cumpriria o papel de colaborar com o conhecimento sobre o mundo natural. Seguindo essa premissa, um dos interesses de Maria Graham era contribuir com a documentação das regiões que visitava, e isso se evidencia na forma como ela articula a descrição e a representação imagética da *Dragon-Tree*. Também é possível identificar na obra de Graham a busca por uma interação entre os aspectos estéticos e as funções eminentemente informativas (Humboldt, 1850; Mattos, 2004).

Como resultado dessa busca por disseminar o conhecimento, outro aspecto que se nota na ilustração e na descrição da *Dragon-Tree* é a forma com que Graham oferece uma éfrase da natureza, isto é, uma descrição pormenorizada daquilo que observa. Esse tipo de descrição da natureza, feita pela

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

literatura, remonta às obras de escritores da antiguidade, tendo se desenvolvido como um subgênero da literatura francesa⁶. Humboldt adota a frase para falar do mundo natural procurando um tom mais contido para suas descrições, pois os franceses, segundo ele, tendiam a fornecer descrições muito subjetivas. Diante disso, Humboldt defendia que esse excesso de subjetivismo no uso da linguagem sobressaía ante o propósito de fornecer uma descrição da natureza. Esse naturalista via nos escritos de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), especialmente sua Viagem à Itália, um modelo que conjugava a arte e a ciência (Mattos, 2004). Novamente, a aproximação entre Graham e Humboldt se torna evidente, a narrativa da viajante inglesa não se restringe aos relatos de suas impressões sobre as localidades, há uma clara intenção em contribuir com o conhecimento, especialmente os relacionados à Botânica.

Outro aspecto que merece ser destacado nas obras escritas e imagéticas de Maria Graham é a ênfase ao ato de viajar. Nota-se o destaque aos elementos que evidenciam o deslocamento e que mostram a diversidade da natureza exótica. Na ilustração da *Dragon Tree*, por exemplo, há uma intenção de mostrar, além da planta, o ambiente onde ela se encontrava, com especial destaque às montanhas vulcânicas que caracterizam a Ilha de Tenerife. Outras imagens que acompanham o *Journal of Voyage to Brazil* apresentam essa mesma configuração. A imagem *Tree in a Garden at Bahia* (Figura 2), por exemplo, mostra a árvore centralizada em primeiro plano e uma vista da cidade de Salvador ao fundo. Como é comum nas imagens que ilustram seu diário, há um trecho que descreve a árvore e um comentário sobre o ambiente que cerca a planta. Também é possível encontrar nas ilustrações botânicas da viajante o uso desse mesmo tipo de composição, com uma planta em primeiro plano e uma paisagem nos planos posteriores (Graham, 1824; Royal Botanic Gardens, 2018).

A viagem como forma de promover novos conhecimentos sobre a natureza é um tema frequente nos livros de viagem do século XIX e isso pode ser notado na descrição da *Dragon Tree*. Graham comparou o tronco dessa árvore com um tipo de palmeira de múltiplas “cabeças” que havia encontrado em sua estadia na Índia e o arranjo em cacho das folhas dessa árvore milenar de Tenerife são comparados com a *Yucca*, espécie nativa da América Central e da América do Norte. Por meio dessas comparações a viajante realça sua estadia na Índia, que lhe rendeu sua primeira publicação, além de evidenciar seu conhecimento de botânica (Graham, 1824). Belluzzo (1994) enfatiza que a difusão das viagens científicas estabeleceu relações comerciais e promoveu a produção científica advindas das novas descobertas. As expedições científicas empreendidas pelos europeus no final do século XVIII e início do XIX tinham por modelo a viagem emblemática do Capitão James Cook (1728-1779). Essa viagem se notabilizou pela coleta de plantas, animais, objetos etnográficos e pelas notações cartográficas (Belluzzo, 1994).

As publicações resultantes dessas viagens se popularizaram entre o público europeu, e essa literatura passou a tratar aspectos da sociedade e dos acontecimentos históricos presenciados pelos viajantes. A *John Murray Press*, uma das editoras especializada em literatura de viagem, publicou três livros de Maria

6 A chamada poesia descritiva se desenvolveu no século XVIII. Nessa categoria literária, destacam-se obras de autores como Jacques Delille (1738-1813), Jean-Antoine Roucher (1745-1794), Jean-François de Saint-Lambert (1716-1803) e François-Joachim de Pierre de Bernis (1715-1794) (Le Ménahèze, 2005).

Graham, o primeiro deles foi *Journal of a Voyage to Brazil*. Esse livro foi impresso em um momento em que a *John Murray Press* editou inúmeros volumes sobre viagens à América do Sul. Sendo Graham uma das poucas mulheres a constar entre os autores publicados por essa editora, somente treze autoras, entre 1773 e 1859, tiveram seus livros publicados (Keighren; Withers; Bell, 2015). Muitas das mulheres que escreveram livros de viagem eram esposas de diplomatas ou eram colonas. Essa condição permitia que elas viajassem a locais distantes e trabalhassem colhendo, secando e desenhando as espécies que encontravam. No caso específico de Graham, essas circunstâncias, pelo menos em um primeiro momento, contribuíram para que ela tivesse mais oportunidades de viajar (Hagglund, 2011; Ródenas, 2014).



Figura 2. Maria Graham. Tree in a garden at Bahia, 1821-1825. Brown wash. 22,8 x 28,8 cm.

Fonte: The British Museum, London.

A busca por novos conhecimentos, nos termos de Humboldt, necessariamente, estaria ligada ao deslocamento, aqueles que nunca tiveram a oportunidade de testemunhar as diferentes facetas da natureza poderiam se equivocar. Para esse naturalista, as diferentes regiões do globo abrigavam estruturas específicas de vida, por isso, observar a natureza nas diferentes localidades era essencial para o conhecimento⁷ (Humboldt, 1850). O olhar das mulheres viajante para a paisagem reflete tanto a busca por conhecimento quanto a procura pelo sublime na natureza, tal como Rodenas (2014: 19) observou:

In almost all of the female pilgrims, the influence of Alexander von Humboldt can be detected in their approach to landscape as both an object of knowledge and an expression of the sublime. In many cases, women travelers consciously tread the path laid out before them by the great Prussian explorer, relishing on their ability to re-

7 Humboldt relaciona o clima e a natureza como responsáveis pelas diferenças entre os povos: “[...] the knowledge of the character of nature in different regions is also most intimately associated with the history of the human race and its mental culture” (Humboldt, 1850: 219).

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

cognize either a site or a species he had previously “rediscovered” in the Americas. Despite the influence of the prevailing scientific model, women’s travels evidence another kind of gaze toward the vast expanse of land and verdant plains which met their eyes: a poetic scrutiny that glosses the minuteness of scientific observation with an emotive or subjective tint, what I call here “the gaze of enchantment.” Their illumined vision of valley, mountain, plain, forest, stars and seascape register different aesthetic responses which participate in a broader Romantic imagination. Women travelers sought in nature a resting place or substitute moorings, a harmony with nature that would balance their sense of unsettledness as visitors in a strange land.

Todavia, cabe salientar que essa filiação com a obra de Humboldt não impediu Maria Graham de contradizer algumas das notações do naturalista. Enquanto esteve em Tenerife, ela contrapôs uma afirmação de Humboldt a respeito de alguns artefatos arqueológicos achados em sepulcros da Ilha. Enquanto o aclamado naturalista achava que estes eram parecidos com os encontrados no Peru, a viajante inglesa questionou essa semelhança e conjecturou que os referidos artefatos se pareciam mais com os encontrados no Egito, na Mesopotâmia e na Índia. Essa observação de Graham “ilustra seu comprometimento com o empirismo sensorial e com a validade de suas próprias interpretações” (Keighren; Withers; Bell, 2015: 70, tradução nossa). Outro evento que mostra essa procura da viajante por reafirmar seu conhecimento, aparece no trecho de uma carta endereçada a William Hooker. Nessa carta, Graham revelou que o naturalista Georg von Langsdorff⁸ (1774-1852) errara nomes de diversas plantas, fato que suscitou reprovação por parte da viajante, tendo em vista que era esperado que os naturalistas conhecessem as principais nomenclaturas. Graham completa dizendo a Hooker que havia descoberto uma espécie ainda não catalogada por Langsdorff (Letter from Ms. Maria Graham to Sir William Jackson Hooker, 28 nov. 1825). Ao contradizer personalidades como Humboldt e Langsdorff, Graham mostra sua erudição e evidencia ainda que suas observações atentas podem contribuir para a construções de novos conhecimentos.

Enquanto esteve em Tenerife, Graham constantemente citava o naturalista prussiano, seja para falar da vegetação que ele havia mencionado, seja para comparar aquilo que observava com o que havia lido em Humboldt. Na viagem de Humboldt à Ilha de Tenerife, ele mencionou a célebre árvore que se encontrava no Jardim do Sr. Franchi. A *Dragon Tree* foi citada pelo naturalista em um trecho do livro *Ansichten der Natur* que discorre sobre a longevidade e a monumentalidade das plantas. Em certo momento, Humboldt menciona um desenho dessa árvore que fez parte do seu Atlas Pitoresco publicado em 1810, a gravura que ilustra esse Atlas foi tirada de um desenho do artista F. d’Ozonne (Humboldt, 1850) (Figura 3).

8 Langsdorff foi um destacado naturalista, médico e diplomata russo responsável por uma expedição que percorreu o interior do Brasil entre 1822 e 1829 (Langsdorff, 1997).



Figura 3. Pierre Antoine Marchais (desenho) e Louis Bouquet (gravação). Le dragonnier de l'Orotava, 1810. Fonte: Atlas Picturesque du Voyage.

A representação da *Dragon Tree* de Graham difere da imagem que ilustra a obra de Humboldt. Enquanto a viajante inglesa mostra a árvore imersa na natureza e realça a diversidade da vegetação que a cerca, a *Dragon Tree* do Atlas Pitoresco aparece destacada e sua monumentalidade é reforçada pela presença de figuras humanas que a observam. Nessa ilustração (Figura 3), a *Dragon Tree* é vista em seu esplendor, com todos os seus galhos, enquanto que na de Graham (Figura 1), a referida árvore já mostra sua decadência, com o tronco em ruínas. Nesse registro, a *Dragon Tree* havia perdido parte considerável de sua copa durante uma forte tempestade:

Humboldt has celebrated this tree in its vigour; it is now a noble ruin. In July, 1819, one half of its enormous crown fell: the wound is plaistered up, the date of the misfortune marked on it, and as much care is taken of the venerable vegetable as will ensure it for at least another century. I sat down to make a sketch of it (Graham, 1824: 85).

Como esse excerto da narrativa de Graham indica, a autora falou da *Dragon-Tree* enfatizando como Humboldt havia contribuído para a fama desse espécime e citou um acidente que tinha acometido o vegetal em 1819, dois anos antes de sua chegada à Tenerife. Em seguida, Graham mencionou que fez um desenho, como em outros momentos de seu livro, ela esboçou cenas e vegetações que lhe despertavam interesse. As gravuras que ilustravam os livros de Graham, como é comum nas publicações do gênero, eram feitas por gravadores profissionais. No caso da *Dragon Tree & Peak of Teneriffe*, ela foi executada por Edward Finden (1791-1857) a partir do desenho de Graham (Graham, 1824).

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

A realização de desenhos a partir da observação direta foi se constituindo como prática entre os naturalistas viajantes. Era comum os artistas designados para acompanhar as expedições realizarem um desenho rápido a partir da natureza e fazer notações sobre as cores e sobre as principais características das plantas, para depois finalizar suas obras. Esses esboços auxiliavam a memória dos artistas para fornecer um registro mais acurado da natureza, especialmente porque as expedições percorriam lugares de difícil acesso e, muitas vezes, a única chance de desenhar uma planta viva em seu habitat era por meio desses esboços rápidos (Daston; Galison, 2007: 99). Graham, como seus livros e sua produção imagética indicam, realizou inúmeros desenhos a partir da natureza. Esboços de outras *Dragon Trees* (Figura 4) encontram-se no acervo do *Royal Botanic Gardens*, junto a um conjunto extenso de ilustrações botânicas que a viajante enviou à William Hooker (1785-1865) durante sua terceira viagem ao Brasil, em 1825. Embora constitua uma produção visual importante para o estudo dos artistas viajantes que estiveram no Brasil, esse acervo ainda não foi pesquisado com atenção e constitui um material inédito⁹. Essas ilustrações da *Dragon Tree* registram árvores ainda jovens e, provavelmente, foram realizadas enquanto Graham seguia rumo ao Brasil, em 1821. Uma dessas imagens retrata uma árvore da Ilha da Madeira, um dos locais onde o navio *Doris* aportou. Tratam-se de desenhos esboçados rapidamente pela artista e podem indicar um registro das fases de crescimento da árvore para que se conheça mais sobre a espécie.

Como dito anteriormente, antes de Maria Graham ter visitado a Ilha de Tenerife e visto a *Dragon tree*, Humboldt havia mencionado essa árvore. Humboldt descreveu a *Dragon Tree* que encontrou no Jardim do Sr. Franchi em Tenerife e a comparou a outros tipos árvores, tais como a *Yucca* do México. Ele tratou da monumentalidade dessa árvore, dos galhos que lembram um candelabro e da copa composta por folhas que formam cachos, além de evidenciar a longevidade e o lento crescimento dessa planta. Essas notações de Humboldt são retomadas por Maria Graham. Na passagem que narra sua visita o Jardim do Sr. Franchi, Graham igualmente ressaltou o crescimento lento da *Dragon Tree*, falou sobre o local de procedência da planta e enumerou espécies semelhantes. Além disso, a viajante acrescentou o estado decadente da árvore (Graham, 1824; Humboldt, 1850).



⁹ Esse acervo foi recentemente digitalizado, a pedido desta pesquisa, e constitui um dos objetivos da minha tese de doutorado.



Figura 4. Maria Graham. *Dragon Tree when Young* (acima) s/d, *Dragon Tree Madeira*, 1821.

Fonte: Royal Botanic Gardens, Kew.

Humboldt notou que os nativos da Ilha de Tenerife cultuavam a *Dragon Tree* assim como outras árvores lendárias eram reverenciadas pelos europeus. Se a espécie já era conhecida pelos poderes curativos, o exemplar do Jardim do Sr. Franchi era tido como o mais antigo, por esse motivo, a ele era dispensada uma atenção especial. A aclamada árvore da Ilha de Tenerife foi noticiada na Europa após a conquista francesa do arquipélago das Canárias ocorrida no século XV. Desde então, histórias envolvendo seus usos medicinais e sua avançada idade se popularizaram. Humboldt dedicou parte significativa de seu texto para falar da longevidade dessa árvore e citou outros tipos de plantas que são aclamadas pelo mesmo motivo. O baobá, o carvalho e o teixo são cultuados pela longevidade e pelo vigor de suas imponentes estruturas (Humboldt, 1850). Isso indica o quanto as árvores milenares despertavam interesse dos viajantes e o quanto a fama de certas espécies foram se constituindo no imaginário europeu.

A fama das árvores milenares pode ser observada na produção iconográfica e poética, no caso específico da *Dragon Tree*, sua imagem foi usada nos contextos religioso e secular. Essas referências imagéticas podem ser associadas às produções dos viajantes, que, como Maria Graham, constituíam suas obras a partir de uma série de referências escritas e visuais. A obra de Maria Graham apresenta citações a escritores, naturalistas e artistas, ela conhecia as publicações ligadas à botânica, assim como as narrativas e as imagens produzidas por outros viajantes. Igualmente se interessava pelas obras de paisagistas como Nicolas Poussin (1594-1665), Claude Lorrain (1600-1682) e Gaspard Duguet (1635-1675) e por escritores como Lord Byron (1788-1824) e Madame de Staël (1766-1817), por exemplo. Esses escritores e artistas são frequentemente mencionados por Graham para ressaltar a qualidade cromática da luz ou para registrar uma cena pitoresca que lhe chamava atenção (Graham, 1824; Hagglund, 2011).

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

Imagens da *Dragon Tree* circulam na Europa desde o século XVI sendo usadas em obras com temática religiosa e em publicações ligadas à história natural. Uma representação dessa árvore que se popularizou na Europa a partir do século XVI foi disseminada pelo botânico, Carolus Clusius (1525-1609)¹⁰. Em seu tratado de botânica, *Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum historiae*, de 1576, a ilustração da *Dragon Tree* é a primeira das quase mil gravuras presentes nessa edição (Figura 5). Trata-se de uma xilogravura que mostra uma árvore na fase adulta ocupando o centro da composição. Atrás dela, são enfatizados a folha, os frutos e as flores da *Dragon Tree*. Os elementos dessa composição oferecem uma perspectiva esquemática da planta, a espécie retratada é vista por inteiro e são destacadas a morfologia das folhas, frutos e flores. Outras imagens que acompanham escritos de botânica tomaram por modelo a imagem da *Dragon Tree* que ilustra a obra de Clusius, um dos exemplos mais destacados encontra-se na *Encyclopédie*, de Denis Diderot (1713-1784) e Jean D'Alembert (1717-1783). Na seção dessa obra dedicada à história natural, há uma ilustração da *Dragon Tree* semelhante à encontrada na obra de Clusius, fato que indica o intercâmbio de imagens e a formação de um repertório visual entre os naturalistas (Mason, 2006).

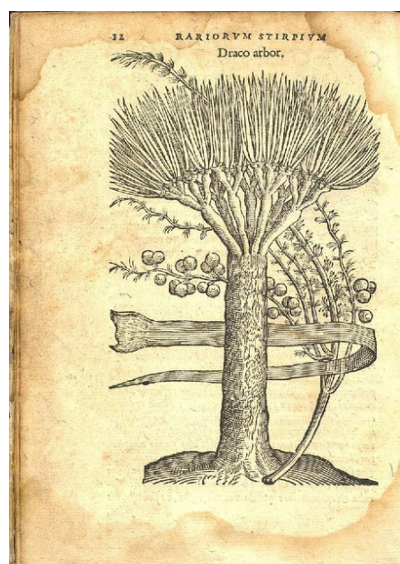


Figura 5. Pieter van der Borcht (atribuição), Draco Arbor, 1576.

Fonte: Carolus Clusius, *Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum historiae*.

No século XVIII, redes de colaboração entre antiquarianistas se formaram na Europa, e as imagens foram um dos veículos de trocas de informações entre naturalistas¹¹. No momento em que Maria Graham constituiu sua obra, a circulação e o intercâmbio de imagens haviam promovido um amplo repertório visual. Ceserani (2013) se debruça sob os arquivos imagéticos de antiquarianistas como Bernard de Montfoucon (1655-1741) e ressalta que havia uma rede de troca de imagens e de informações sobre os objetos das coleções. Essa autora afirma que estudar a circulação das imagens pode revelar a troca de informa-

¹⁰ Charles de l'Écluse, mais conhecido como Carolus Clusius, viajou pela península Ibérica entre 1564 e 1565 e encontrou uma *Dragon Tree* em Lisboa (Egmond, 2010).

¹¹ "Antiquarians' drawings enabled scholarly dialogue about them and, subsequently, communication about the research to the wider public. The images circulated far and wide, first in letters, then in books, and, eventually, in journals—to such an extent, in fact, that a wordless history of antiquarianism could perhaps be compiled from these visual representations of objects" (Ceserani, 2013: 237-238).

ções e as relações estabelecidas entre os colecionadores. Essa rede trocava plantas, sementes e desenhos que retratavam coleções naturais e evidencia o intercâmbio de conhecimento desde o século XVII até os séculos XVIII e XIX. De modo semelhante, as referências literárias e imagéticas de Maria Graham revelam seu engajamento em uma rede de produção de informações sobre a flora e os costumes promovida pelos naturalistas viajantes.

Além dessas imagens que figuram nos livros de história natural, a *Dragon Tree* foi usada em gravuras e pinturas com temática religiosa. Os textos, de 1496, relativos à partilha da Ilha de Tenerife pelos espanhóis, já mencionavam a existência dessas árvores. Sendo que, dentro¹² da aclamada *Dragon Tree* do Jardim do Sr. Franchi, foi celebrada a primeira missa após o domínio espanhol da Ilha (Rodrigues, 1946). O arquipélago das Canárias, situado a ocidente do Atlântico, era um local associado às ilhas fecundas e abençoadas. Por esse motivo, alguns artistas dos séculos XV e XVI usaram imagens dessa árvore para compor representações do paraíso. O tríptico de Hieronimus Bosch (1450-1516), *O Jardim das delícias terrenas* (Figura 6), mostra a *Dragon Tree* em destaque no Jardim do Éden ao lado de figuras bíblicas, como Adão e Eva. Esses elementos compõem a cena que representa a criação do mundo (Mason, 2006).



Figura 6. Hieronimus Bosch, *Garden of Earthly Delights* (detalhe com a *Dragon Tree* à direita), 1500.

Fonte: Museo Nacional del Prado.

Além de Bosch, artistas como Martin Schongauer (1448-1491) e Albrecht Dürer (1471-1528) usaram a *Dragon Tree* e também a Palmeira a fim de realçar o aspecto exótico da cena bíblica que trata da fuga da sagrada família para o Egito. As vegetações e os animais exóticos, em certas cenas bíblicas, foram usados para acentuar cenas que narram fugas e deslocamentos com a finalidade de realçar o caráter exógeno da paisagem:

Each of the themes is of a religious nature and, curiously enough, they are all marked by mobility: the expulsion of Adam and

12 Cujo tronco naquele momento já estava oco.

As árvores milenares: estudo da ilustração da *Dragon-Tree* da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

Eve from the Garden of Eden, the flight of the Holy Family to Egypt, the banishment of St John to Patmos. As an exotic marker, the inclusion of the dragon tree within such a theme is functional, not geographic (Mason, 2006: 179)

Outras obras usaram a *Dragon Tree* para semelhante finalidade e, como enfatizado por Mason (2006), as imagens dessa planta foram empregadas em contextos seculares e religiosos. Artistas como Schongauer realizavam estudos das plantas e os incorporavam em suas pinturas e gravuras com temática religiosa. Muitas vezes, esses estudos partiam de uma observação acurada da natureza e, como resultado, algumas imagens acabaram servindo aos propósitos científicos (Mason, 2006).

Em certa medida, essa representação minuciosa da natureza e a exaltação do aspecto exótico da paisagem, podem ser relacionados com a ilustração da *Dragon Tree* feita por Maria Graham. Embora seja necessário salientar que essas imagens foram produzidas em contextos diferentes, uma vez que o entendimento de exótico e a observação¹³ do mundo natural tenha mudado a partir da metade do século XVIII. A intenção de Graham ao destacar a *Dragon Tree* em seu diário de viagem se apresenta no contexto de intercâmbio de coleções naturais e de imagens difundido no início do século XIX que seguia o modelo de viagem difundido pelo Capitão James Cook, como outrora observado. É evidente nas notações da viajante inglesa o interesse pela natureza exótica assentado na ideia de observação e descrição com a finalidade de catalogar e sistematizar o mundo natural.

Voltando a observar um detalhe da *Dragon Tree* (Figura 7), nota-se o registro de um incidente que acometeu o famoso vegetal do Jardim do Dr. Franchi. Como enfatizado anteriormente, em 1819, após uma forte tempestade, parte considerável dessa árvore foi perdida. Nas marcas deixadas pelos galhos caídos foi colocada uma placa indicando o ano do fatídico episódio. Esse acidente levou consigo metade da copa dessa árvore e foi documentado pelo desenho de Graham. Ainda, mesmo diante da gravidade desse acidente, a viajante amenizou dizendo “como se toma muito cuidado com o venerável vegetal isto o garantirá pelo menos por outro século” (Graham, 1824: 112). Entretanto, mesmo frente aos cuidados dispensados à árvore do Jardim do Sr. Franchi, em 1867, um furacão finalmente a abateu. Esse espécime que tantos artistas e escritores aclamaram, e que os naturalistas do período estimavam ser tão antigo quanto as pirâmides do Egito, finalmente sucumbiu.

Ródenas (2014) afirma que essa imagem de Graham enfatiza as ruínas como símbolo de decadência. A ilustração de Graham mostra ao mesmo tempo a monumentalidade e a fragilidade da *Dragon Tree*. Há uma preocupação documental nessa imagem, mas, como Sússekind (2008) e Gonçalves (2005) afirmaram, a obra de Maria Graham dialoga com a lírica romântica e mostra as sensações da viajante ante a natureza. Também é possível destacar a presença da pintura paisagística inglesa, ou da chamada “jardinagem romântica” (Zanini, 2008:

13 A respeito disso Smith (2004: 23) afirma: “The simultaneous emergence of the empiricism and rise of artistic naturalism contributed to the ‘the fashioning of a scientific gaze’ that sought to make realistic pictures and words match their references in order to create an accurate model of the physical world. This alliance between empirical Science and naturalistic art culminated in travel accounts of eighteenth century”

200), na obra de Maria Graham.



Figura 7. GRAHAM, Maria. *Dragon Tree & Peak of Teneriffe* (detalhe). Gravura em metal, 1824.

Fonte: The British Museum.

Na Inglaterra, nota-se que as árvores assumiram diferentes acepções, enquanto haviam grupos promotores do manejo das matas para tirar proveitos econômicos, por outro lado, crescia um movimento que defendia a preservação das árvores. Poetas como William Wordsworth (1770-1850) defendiam a proteção das árvores antigas. Como observa Thomas (2010: 305), “as árvores na Inglaterra eram cada vez mais amadas, não só por sua utilidade, ou apenas por sua beleza, mas por seu significado humano, pelo que simbolizavam para a comunidade em termos de continuidade e associação”. Também se observa, entre 1770 e 1850, um número crescente de publicações que abordavam diferentes aspectos das árvores, tais como a beleza e a longevidade. A *Dragon Tree*, por exemplo, foi mencionada em um artigo publicado no *The Friend* que trata sobre das árvores milenares. Outras espécies longevas como o teixo, o baobá e o cipreste também foram citadas nesse artigo. Na Inglaterra, o teixo é aclamado pela sua monumentalidade e longevidade. O verdor de sua copa e a durabilidade de sua madeira contribuíram para que essa árvore fosse associada à imortalidade, perspectiva presente no poema de Wordsworth¹⁴. O discurso que permeia o texto publicado no *The Friends* evidencia a preocupação com o uso indiscriminado da natureza e traz os exemplos das árvores longevas para realçar a importância da preservação das matas (The Friend, 1844).

Essa reverência aos elementos da natureza reivindicado pelo paisagismo romântico inglês pode ser notada na maneira como Maria Graham retratou a *Dragon Tree*. Nessa imagem, os elementos eminentemente informativos e as referências estéticas foram combinados pela artista viajante de modo a oferecer a visão de uma natureza ainda pouco conhecida dos europeus e que despertava interesse pelo seu caráter exótico.

14 Sobre o poema Yew Tree, de Wordsworth ver: Riffaterre, 1973.

As árvores milenares: estudo da ilustração da Dragon-Tree da Ilha de Tenerife feita pela artista viajante Maria Graham

Considerações finais

A ilustração da *Dragon Tree* mostra a influência dos escritos de Humboldt para a obra de Maria Graham que pode ser notada na construção de um roteiro de viagem, do qual a referida árvore está inserida. Esse interesse dos viajantes pela árvore pode estar ligado a uma série de imagens e de informações sobre sua longevidade e seus poderes medicinais difundidas pelo livro de Carolus Clusius e pela *Encyclopédie*, obras que contribuíram com a fama da *Dragon Tree*.

Maria Graham revela conhecer a obra de Humboldt e de outros naturalistas em diversos momentos de seus diários. As semelhanças são notáveis quando se compara os discursos de Graham e de Humboldt sobre a *Dragon Tree*. E, como este artigo afirmou, essa aproximação não se restringe à forma com que Graham escreve, mas também se reflete, de um modo geral, em sua obra imagética.

Referências

- AKEL, Regina. *Maria Graham: a literary biography*. New York: Cambria Press, 2009.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. Salvador: Fund E Odebrecht, 1994.
- CLUSIUS, Clusius, *Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observatarum historiae*, Antwerp, 1576.
- CESERANI, Giovanna. *Antiquarian Transformations in Eighteenth-Century Europe*, in: Alain Schnapp (Ed.). *World Antiquarianism. Comparative Perspectives*. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2013, p. 317-342.
- DASTON, Lorraine; GALISON, Peter. *Objectivity*. New York: Zone Books, 2007.
- EGMOND, Florike. *Precious Nature: Rare Naturalia as Collector's Items and Gifts in Early Modern Europe*. In: *Luxury in the low countries: Miscellaneous Reflections on Netherlandish Material Culture, 1500 to the Present*, Amsterdã: Pharo publishing, 2010.
- GRAHAM, Maria. *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there, during the years 1821, 1822, 1823*. London: John Murray Press, 1824.
- GONÇALVES, Margaret de Almeida. *Subjetividade e viagem em Maria Graham*. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Paraná, 2005. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.I384.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2017.
- HAGGLUND, Betty. *The Botanical Writings of Maria Graham*. *Journal of Literature and Science*, Volume 4, Nº 1, 2011.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUMBOLDT, A. *Atlas Picturesque du Voyage – vues des Cordillères, et monuments des peuples indigènes de l'Amerique*, Paris, 1810.
- _____, *Views of nature: or contemplations on the sublime phenomena of creation*. London: Henry G. Bohn, 1850.
- KEIGHREN, Innes M.; WITHERS, Charles W. J.; BELL, Bill. *Travels into print: Exploration, Writing, and Publishing, with John Murray, 1773-1859*. Chicago and London: University

of Chicago Press, 2015.

LANGSDORFF, Georg Henrich von. *Os Diários de Langsdorff*. SILVA, Danuzio Gil Bernardino da (org.), Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*. Cadernos Pagu (15), 2000.

LE MÉNAHÈZE, S. *Ut pictura poesis non erit: les épisodes dans la poésie descriptive au XVIII siècle*, Bélgica: L'information littéraire, Vol. 57, (4), 2005.

LETTER FROM MS MARIA GRAHAM TO SIR WILLIAM JACKSON HOOKER; Royal Botanic Gardens, Kew.

MARTINS, Luciana. *O Rio de Janeiro dos viajantes: O olhar Britânico, 1800-1850*. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

MASON, Peter. A dragon tree in the Garden of Eden: A case study of the mobility of objects and their images in early modern Europe. *Journal of the History of Collections* vol. 18 no. 2, 2006.

MATTOS, Claudia Valladão de. A pintura de paisagem entre arte e ciência: Goethe, Hackert, Humboldt. TERCEIRA MARGEM: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras, Pós-Graduação, Ano IX, nº 10, 2004.

RIFFATERRE, Michael. A Reading of Wordsworth's "Yew-Trees". *Source: New Literary History*, Vol. 4, No. 2, On Interpretation: II, 1973.

ROYAL BOTANIC GARDENS, Maria Graham illustrations, Kew's Library, Art & Archives. Richmond: Surrey, 2018.

RODENAS, Adriana Mendés. *Transatlantic Travels to Nineteenth-Century Latin America: European Women Pilgrims*. Lewisburg: Bucknell University Press, 2014.

RODRÍGUES, Leoncio. *Los árboles históricos y Tradicionales de Canarias*. Santa Cruz de Tenerife: La Prensa, 1946.

SMITH, Pamela H. *The body of the artisan: art and experience in the scientific revolution*. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

THE FRIEND Religious and Literary Journal. Volume XVII. Philadelphia: Joseph & William Kite, 1844. Disponível em: <http://books.google.com>. Acesso em: 20 jan. 2018.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ZUBARAN, Maria Angélica. A vistosa vestimenta vegetal do Brasil: Maria Graham e as representações da Natureza tropical no século XIX. *Textura - ULBRA*, Nº 11, Canoas, 2005.